

ELEMENTOS ÉTICOS EMERGENTES NAS PRÁTICAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Luiz Alberto Gómez de Souza
Centro João XXIII — IBERADES

As investigações sobre os movimentos sociais não correspondem a um modismo, mas poderiam ser um meio privilegiado para, através das práticas que aí se experimentam, descobrir os elementos novos e fecundos que vão recriando a ética, outros comportamentos e estilos de conviver e de produzir. O texto vai descrevendo a emergência da dimensão libertária, do direito à diferença, do comunitário, dos direitos da natureza, do encontro do planetário com a realidade local, de uma nova ética no trabalho, no prazer, na gratuidade, na celebração e na fantasia, dos valores do sagrado. Esses elementos não seriam ainda os mais visíveis ou os hegemônicos, mas podem vir a ter uma função decisiva na criação de uma nova sociedade.

The research on social movements is not a new fad, but could become a privileged means to discover the new and fruitful elements that contribute to recreate Ethics and generate new forms and styles of behaviour, social life and production, through the practices experimented in those movements. The text describes the emergence of the libertarian dimension, the right to be different, the communitarian aspect, the rights of nature, the encounter of the planetarian with the local reality; of a new ethics in work, leisure, gratuity, celebration and fantasy; of the values of the sacred. All these elements may not yet be the more visible, nor the hegemonic in society. However, they could play a decisive role in the creation of a new society.

Nos últimos anos, os movimentos sociais têm atraído a atenção de cientistas políticos e de sociólogos. Vai crescendo a consciência de que na arena política, além dos partidos, há outros atores com influência decisiva na transformação da sociedade e de suas estruturas do poder político. Na linha da tradição de Gramsci, valoriza-se cada vez mais a sociedade civil (numa acepção diferente das que lhe deram Hegel e Marx), isto é, o conjunto das instituições privadas da sociedade, com suas organizações correspondentes. Frequentemente, o risco tem consistido numa certa separação artificial entre sociedade civil e sociedade política, esquecendo-se o papel político da primeira ou, pelo menos, isolando-a dos mecanismos do poder institucional. Mas vale ressaltar o interesse pela presença nela dos movimentos sociais, deixando para trás análises tradicionais que trabalhavam preferentemente com classes sociais e partidos, sem levar muito em conta outro tipo de mediação organizativa.

O mundo dos movimentos sociais é múltiplo e heterogêneo. Ali encontramos um grande número de associações, agrupamentos, clubes, organizações mais ou menos informais, vários de vida efêmera. Seu caráter frágil e experimental, de um certo ponto de vista pode sugerir debilidade, porém de outro, lhes dá uma característica flexível, que permite fugirem ao esclerosamento e à calcificação próprios do institucional. Sua diversidade porém dificulta as generalizações, e o mais comum tem sido a investigação de movimentos sociais específicos. Cândido Gzybowski, ao analisar os movimentos sociais na área rural do país, não pôde deixar de constatar seu caráter fragmentário e desordenado.¹ A bibliografia sobre eles é extensa e tive a oportunidade de analisar alguns textos relevantes produzidos nos últimos anos.² Inclusive perguntava, na ocasião, se esse interesse não poderia corresponder a um modismo passageiro, tantas vezes comum no mundo acadêmico, ou se traduzia a consciência de que, por esse ângulo, era possível perceber processos profundos e significativos na vida social. Inclino-me sempre mais por essa segunda hipótese. Além disso, há certas transformações no plano dos valores, da sensibilidade, da percepção e do estilo da ação com influências às vezes mais decisivas do que aquelas que ficam no âmbito das idéias professadas. Iria ainda mais longe nessa afirmação; é possível constatar um descompasso entre idéias assumidas, marcos teóricos utilizados, programas proclamados e práticas vividas. Estas últimas podem estar inovando e, no momento da reflexão e da revisão sobre elas, análises ainda tradicionais deixam escapar sua originalidade mais fecunda. Estudar um movimento apenas através de seus programas e de suas declarações de princípios — de sua ideologia ou de suas teorias oficiais — leva a desconhecer uma realidade

1. C. Gzybowski, *Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo*, Petrópolis, Vozes, 1987.

2. L.A.G. de Souza, "Movimentos sociais no Brasil: resenha temática", *Pensamiento Iberoamericano*, nº 11, Janeiro-Junho de 1987 e *Cadernos do Ceas*, nº 116, Julho-Agosto de 1988.

que se manifesta no cotidiano e no vivencial. Assim, os movimentos sociais podem ter um discurso convencional (há, por exemplo, um discurso de esquerda que vem do século passado) e estar ao mesmo tempo transitando por outros espaços do mundo das idéias e dos valores, ainda de forma intuitiva e nem sempre suficientemente reflexiva. O mesmo acontece, aliás, com os próprios partidos políticos. Na campanha eleitoral de 1989 no PT, onde alguns grupos mantêm um marco teórico relativamente ortodoxo, o clima, a maneira de fazer política se encaixavam mal nos programas revolucionários tradicionais. Assim, o "sem medo de ser feliz" vai bem mais longe do que as clássicas declarações pela construção do socialismo. E até que ponto não as fazem abrir-se em direções insuspeitáveis é um tema que mereceria uma investigação mais cuidadosa. Em todo caso, o comportamento e as emoções dos jovens que participavam de manifestações e de carreatas eram diferentes daqueles dos militantes de alguns anos atrás.

Neste texto, que retoma uma exposição feita no Seminário "Ética e Política" realizado pelo Centro João XXIII, desejo apenas, em nível de hipótese de trabalho, levantar pistas sobre elementos de ética e de práticas que afloram aqui e ali, nos movimentos sociais, com possíveis repercussões a médio prazo no comportamento social e político mais amplo.

Ao falar da emergência de elementos novos, devemos ter muito cuidado para não mitificá-los, nem sobrevalorizar sua importância. O novo é em geral frágil — além de fragmentário — e pode desaparecer tão depressa como surgiu. Haveria inclusive que distinguir entre a novidade, o modismo efêmero, e o novo, que vem para ficar, ainda que surja de maneira hesitante e aparentemente insegura. Há sempre uma certa margem de aposta quando apontamos para essas emergências balbuciantes. Não se trata de querer fazer profetismo — há uma futurologia irritante e presunçosa —, mas de ficar num terreno mais modesto, que procura apontar possíveis direções fecundas que se vão abrindo.

O espaço dos movimentos sociais

Antes de mais nada, é preciso indicar o que entendemos por movimentos sociais. Ilse Scherer-Warren, os define como "uma ação grupal para transformação (a praxis), voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a

ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção)".³ Os diversos elementos dos movimentos são importantes para que se tenham em conta os já assinalados descompassos e contradições entre práticas, projetos, ideologias, organização e marco conceitual.

Nos estudos sobre os movimentos sociais, muitas vezes se privilegiaram os chamados movimentos populares, urbanos e rurais, a partir de sua extração de classe (classes populares). Já houve aí uma certa ampliação, que foi além das classes sociais dos manuais (proletariado e campesinato), às quais se conferia um poder messiânico de transformação histórica. Aos poucos, fomos descobrindo o mosaico heterogêneo do popular, onde convivem e circulam os espaços do subemprego e do biscate, do trabalhador por conta própria, o bóia-fria, o posseiro, o acampado, o meeiro, a doméstica, e as mais diversas formas de assalariados urbanos e rurais. Mas os movimentos sociais não podem ser vistos apenas na ótica da produção e do trabalho. A esfera do sagrado e as expressões culturais também lhes definem os contornos. E, nos últimos anos vimos aflorar o universo variado dos movimentos alternativos: femininos, étnicos, ecológicos etc. Alguns chegaram a criar uma artificial divisão internacional das responsabilidades históricas dos movimentos sociais: os alternativos teriam um papel relevante nos países industrializados do capitalismo central, ficando os populares com uma função protagônica nos países periféricos. O popular adquire importância sociopolítica e cultural na Europa ocidental (minorias sociais, imigrantes, o chamado "quarto mundo" da pobreza) e na Europa do leste (ver o caso do popular na Polônia). Por outro lado, os alternativos têm cada vez maior visibilidade na América Latina (movimentos femininos, negros, indígenas, ecológicos). Entre nós, as práticas de uns e de outros se encontram nos conflitos sociais concretos. Assim, na Amazônia, o posseiro e o ecologista se mobilizam contra o mesmo capitalismo moderno, concentrador, destruidor da natureza e do ambiente humano. O sacrifício de Chico Mendes expressa bem o encontro exemplar de duas correntes complementares e a proposta de reserva estrativista é sensível às necessidades da população rural (seringueiros, trabalhadores da castanha, etc...) e aos direitos da própria natureza.

Essa ampliação dos movimentos sociais indica o esgotamento da busca de um único sujeito histórico protagônico (a burguesia no capitalismo, o proletariado no socialismo) que concentraria a capacidade messiânica de transformar a sociedade. Não é o caso de desenvolver aqui este tema, mas apenas se quer indicar a pluralidade das presenças criativas (ou destrutivas) na história,

3. I. Scherer-Warren, "O caráter dos novos movimentos sociais", in I. Scherer-Warren e P.J. Krischke, *Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul*, São Paulo, Brasiliense, 1987, pág. 37.

com diversos e inesperados atores sociais e seus respectivos movimentos. Também se encontra implícito um outro pressuposto: não estamos apenas diante da escolha de diferentes sistemas socioeconômicos, mas de uma crise mais radical e global de toda uma civilização, no que conhecemos nos últimos quatro séculos com o nome de modernidade. Deixemos de lado, entretanto, uma tendência simplista de pôr-se a falar no surgimento de um pós-moderno (o que não deixa de ser uma maneira linear e moderna de ver as coisas), para apenas indicar que o questionamento é abrangente e quase sem fronteiras. E não se trata apenas de interrogar-se sobre a transformação da realidade, mas sobre a própria maneira de conhecê-la: crise dos paradigmas científicos, da razão instrumental, das "summas" explicativas etc. Um dos desafios mais difíceis é, não só saber conviver com o emergente, o provisório e o experimental de uma realidade fraturada e em rearticulação permanente, mas também com a fragilidade dos próprios conceitos de apreensão dessa realidade.⁴ Aliás, é previsível a relação entre o real que se desmancha para reorganizar-se adiante e os instrumentos intelectuais que também se liquefazem e se recompõem, quando quase nada escapa à crítica severa.⁵ Isso pode ser irritante para quem gosta de navegar nas águas mansas das certezas adquiridas, mas também poucas coisas são mais estimulantes do que estar atento às amplas dimensões do inesperado, na realidade e na reflexão sobre ela. Nesse contexto, a investigação sobre os movimentos sociais, superados os riscos do arbitrário e da imaginação, pode ser de uma fecundidade surpreendente.

Na busca de elementos emergentes

Neste trabalho limitado, desejaria apenas indicar alguns elementos de comportamento, de ação e de sensibilidade, que poderão ir constituindo dimensões novas numa ética social contemporânea. Nunca é demais repetir que, tratando-se de elementos emergentes, eles não são hegemônicos e convivem com outros diferentes e opostos. As análises quantitativas podem fazer aparecer alguns como de escassa influência no presente, porém sabemos que as transformações não se limitam aos caminhos do vigente mas, pelo contrário, freqüentemente transitam pelo excepcional e pelo marginal de hoje, que podem vir a ser o consensual de amanhã.

Podemos começar pelos três grandes eixos que nos foram legados pela revolução francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. Eles parecem ir se desdobrando em outros aspectos que

4. Para o caso das ciências físicas ver I. Prigogine e I. Stengers, *A nova aliança*, Brasília, Ed. UnB, 1984 e seu livro mais recente *Entre le temps et l'éternité*, Paris, Fayard, 1988.

5. Ver M. Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*, São Paulo, Cia. das Letras, 1986, onde o autor não tira, aliás, todas as conseqüências implícitas no seu brilhante ensaio.

os aprofundam, contradizem, complementam ou superam. Vejamos cada um deles.

Da liberdade do cidadão ao libertário da pessoa. A lenta construção da cidadania ainda está em curso em nossos países, de frágil tradição democrática. O anseio pela liberdade e pela participação foi um dos sinais mais emocionantes do segundo semestre de 1989 na Europa do leste, tendo começado com a vitória de *Solidariedade* na Polônia, chegando ao levante popular de Bucareste. O fim do muro de Berlim é um sinal de que a luta pela liberdade não apenas ainda tem sentido, mas pode ser uma das maiores vertentes de mobilização social e a derrubada de uma barreira ideológica (falsa consciência), que separava artificialmente a liberdade de viver e de sobreviver (as conquistas socioeconômicas), da liberdade de pensar, informar-se, opinar e participar. A melhoria dos indicadores sociais (saúde, acesso à educação) encontra seus limites se associada ao autoritarismo das burocracias. As chamadas conquistas liberais estão por realizar-se em boa parte do planeta e respondem a aspirações profundas e ainda não alcançadas. Mas essa liberdade não se esgota na convivência dos cidadãos. De dentro e para além dela há todo um anseio de liberdade de realização da pessoa, no que essa tem de mais radical. A liberdade se desdobra no libertário, para empregar uma palavra que teve uma conotação política importante já no século passado, no interior de movimentos anarquistas que criticavam toda forma de autoritarismo (da família ao Estado, passando pelo religioso) e tinham como bandeira o pleno desenvolvimento do ser humano, a partir do mundo das aspirações e dos desejos. Nesse sentido, essa proposta não é tão recente, mas ela reemerge de tempos em tempos, foi um dos aspectos mais significativos da rebelião juvenil de 68 e a encontramos nos anseios de minorias oprimidas pelos diferentes poderes e pelos preconceitos que estes destilam. Aqui valeria redescobrir nas práticas atuais as intuições mais antigas do personalismo, que não via a pessoa como um meio-termo bem-comportado entre indivíduos e sociedade, mas como a radicalização dos direitos dos seres humanos, contra a "infeliz dialética do poder".⁶ A sensibilidade crescente contra a pena de morte e diante de todo o tipo de violência (aí incluída a violência revolucionária dos jacobinos), indica uma consciência sempre mais aguda da irredutibilidade da pessoa e de seus direitos inalienáveis.

Da igualdade à diferença. As estruturas de dominação demarcaram relações sociais assimétricas: senhor-escravo, patrão-operário, homem-mulher, líder-massas etc. Um primeiro movimento é o que trata de introduzir regras que permitam igualar as oportu-

6. Já E. Mounier, em 1937, fazia a ligação instigante entre "Anarchie et personalisme", em uma "sociologie des profondeurs", que desocultava a liberdade nas suas raízes mais vigorosas. Ver *Oeuvre de Mounier*, Vol. I, Paris, Seuil, 1961, págs. 653-725 e 873.

tunidades, o acesso aos bens, aos direitos, ao conhecimento e às decisões. Nesse momento, o dominado parece querer fazer-se igual ao dominador (ou quem sabe, chegar a ser o novo dominador). O desejo de aceder ao mundo do dominador pode inclusive ser uma maneira inconsciente de expressar a aceitação por sua maneira de ser, com isto legitimando-o. Os primeiros movimentos feministas lutaram para que as mulheres pudessem entrar no clube exclusivo do mundo dos homens, ao preço de mimetizar-se no masculino, para logo aí ocuparem um lugar que seguiria inclusive sendo subordinado, ainda que iludidas pela idéia de igualdade de direitos. Chesterton, desde uma posição bastante conservadora é certo, mas com sentido de humor que não lhe faltava, disse que as mulheres resolveram um dia tornarem-se independentes e, no dia seguinte havia em Londres mais de duas mil secretárias. Bastará então lutar pela igualdade de direitos? Com isso não se questiona ainda a relação fundante da desigualdade, seja ela cultural, econômica, social, de sexo ou racial. A própria idéia de hegemonia de A. Gramsci, com sua filiação leninista, fica dentro desse espaço estreito de reivindicações: passar de uma "direção intelectual e moral" a outra, isto é, mudar de dominação (ou direção), sem questionar sua própria existência. Estaremos condenados a ir trocando de dominações ou poderemos ter a ousadia de pensar em seu desaparecimento? Ou talvez colocar o problema em outros termos.

Indo mais longe, Marx, ao criticar o programa socialista do congresso de Gotha, indicava que a igualdade de direitos da sociedade burguesa sacralizava a desigualdade de pessoas que tinham necessidades diversas e que, portanto, não poderiam ser tratadas da mesma maneira num mundo realmente livre (seu reino da liberdade). E aqui está a chave da questão: não apenas existe uma relação desigual a desocultar, mas as próprias pessoas são diferentes e têm um direito à diferença.

Neste sentido, os movimentos femininos atuais têm aberto caminho: não querem fazer das mulheres homens, como alguns feminismos mais antigos, mas propõem uma maneira de ser, ver, fazer, conviver e decidir como uma contribuição inclusive aos homens, que também poderiam se libertar de suas viseiras no mundo masculino vigente do poder e do prestígio. Já não se trata de igualar-se ao dominador precedente, mas de negá-lo como matriz da própria dominação, o que é também uma maneira de libertá-lo de sua condição de dominador.

E não se diga que isto fica no plano teórico. Ao contrário, é nas práticas concretas que os diversos atores emergentes procuram

fazer valer os direitos às suas identidades. E quem diz identidade diz diferença em relação aos outros. A igualização sem mais pode ser uma terrível violência que inibe o desenvolvimento do que cada um tem de original e de irredutível.

Da fraternidade ao comunitário. O elemento da fraternidade sempre foi o menos trabalhado dos três até agora expostos, ainda mais no mundo competitivo do individualismo da modernidade, nesta espécie de salve-se-quem-puder da emulações e dos incentivos. Mas aqui também não se trata de pregar um vago espírito fraterno, mas de cimentar novas relações sociais através de práticas bem concretas de convivência e de trabalho. Não é por acaso que brotam por toda a parte experiências comunitárias, pequenos grupos, que são autodefesa da "multidão solitária" a que se referiu Riesman, práticas de mutirão e de auto-ajuda. As Comunidades Eclesiais de Base, além de seus aspectos religiosos e de intervenção social, desenvolveram muito fortemente essa dimensão que está posta na frente de seu próprio nome. A aglutinação das forças de libertação na Polônia se deu em torno a esta idéia-força mobilizadora: solidariedade. Ali, quando os operários do estaleiro Lênin, em Gdansk, viram atendidas suas reivindicações, superando uma mentalidade sindical corporativa, quiseram prosseguir a mobilização para que seus direitos fossem estendidos a outros grupos sociais, sentindo-se assim solidários com eles (em comunhão, poderíamos também dizer). Essa dimensão comunitário-solidária não se esgota, pois, no interior do pequeno grupo, num individualismo ligeiramente ampliado, mas intercomunica esse grupo com outros, na criação de uma rede de cumplicidades e de alianças.

Do direito da pessoa ao direito da natureza e do planeta. A modernidade fez uma leitura devastadora do "dominai a terra" e lançou o homem na grande conquista planetária, que seria fonte do enorme desenvolvimento tecnológico, com tudo o que tem de avanços e de poder de destruição. Aprendiz de feiticeiro, se encontra hoje com a possibilidade de transpor sempre mais fronteiras do saber e do fazer e, inclusive, de pôr em risco a própria existência da espécie humana. Nestes últimos anos, cresce a consciência dos perigos de uma atitude predatória, mas se vai além de uma posição preservacionista e, no fundo, ainda de um antropocentrismo limitado. A natureza não é mais vista como alguma coisa passiva, "surda e estúpida" (Prigogine), mas como um processo de complexificação universal que vai da biosfera à noosfera (Teilhard de Chardin), e toda ela vem carregada de energia e de vida, como na hipótese Gaia (Lovelock). São incontáveis os textos sobre essa nova sensibilidade ecológica que, mais do que uma teoria, é uma atitude e uma postura.⁷ No

7. Ver por exemplo, E. Viola, "O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): Do ambientalismo à eco-política", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. I, n° 3, Fevereiro de 1987.

T. Roszak, *Person — anet*, Londres, Granada, 1981. Ver "Part I: Manifest the person" com seus capítulos I, "The rights of the person" e II, "The rights of the planet".

Carta de São Paulo aos romanos 8, 22-23. O final é significativo: "E não só ela (criação), nós também esperamos a redenção de osso corpo".

manifesto da pessoa, os direitos pessoais se abrem aos direitos do planeta (Roszak).⁸ A ética da vida se amplia às diferentes esferas de uma criação que, para São Paulo, está toda em trabalho de parto, aí incluídos os homens.⁹ Já na vida cotidiana, os jovens são sempre mais sensíveis na defesa de um pássaro, de uma árvore, de uma flor, de um lago.

A descoberta simultânea do planetário e do pequeno. O comunitário e a dimensão supranacional de certa maneira se complementam nesse encontro do micro e do macro. Os satélites da comunicação e a revolução da informática nos ligam imediatamente pela imagem a qualquer lugar do globo (e amanhã do espaço). E quanto mais vemos longe, mais descobrimos as identidades de outras culturas e saímos assim de um etnocentrismo provinciano. Com isso valorizamos nossa própria identidade, sem nos dissolver nos modelos dominantes. Não é por acaso que um mundo intercomunicado é também uma sociedade de reafirmação dos costumes locais, dos folclores e dos regionalismos, que não são vistos como sobrevivências superadas frente a uma cultura transnacional. A identidade catalã é contemporânea da construção da Europa. Planetário não é sinônimo de uniformidade, que seria a universalização a partir de um particular hegemônico, mas de pluralismo social e cultural; se constrói na intercomunicação das diversidades. Nesse sentido, o estado-nação da modernidade está ameaçado dos dois flancos: pelo universal possível e pelo local desejado. Os festivais e os encontros de juventude fazem circular, sem fronteiras, sensibilidades diversas que se interpenetram sem os antagonismos das competições entre nações.

Uma nova ética do trabalho e da produção. Weber tratou da relação do puritanismo e da ética do capitalismo. O produtivismo e a razão instrumental seguem hegemônicos. Os próprios programas de uma esquerda clássica pagam seu tributo a eles. Mas sempre mais se descobrem novas dimensões, do tempo livre à liberação do tempo, libertação no trabalho e libertação do trabalho, do trabalhar menos para trabalharem todos etc.¹⁰ É certo que a realidade de nosso mundo do trabalho é ainda mais alienante em suas manifestações cotidianas e há exigências prévias básicas que são inadiáveis. Mas não esqueçamos que Marx, ao mesmo tempo que descrevia a alienação do homem produtor e buscava mecanismos de superação, já desenhava, num mundo da abundância, o tempo em que o trabalho seria fruto da liberdade.¹¹ Essa utopia, digamos assim, já está na aspiração por um trabalho que vai sendo repensado para além do tailorismo e do estacanovismo. Não está demais lembrar que, no nosso mundo do desemprego, do subemprego e da exploração nas áreas rurais,

10. A. Gorz, *Métamorphoses du travail. Quête du Sens. Critique de la raison économique*, Paris, Galilée, 1988.

11. Na *Ideologia alemã*, Marx descreve um homem que já não será caçador, pescador ou crítico literário, mas caçará, pescará ou fará crítica quando bem lhe aprouver. Trata-se do reino da liberdade, indicado num fragmento que Engels colocou ao final do Livro III do *Capital*, e que começaria a realizar-se com a redução da jornada de trabalho.

tudo isto pode parecer longínquo, perto da luta mais imediata pelo direito de acesso ao trabalho, à terra, às conquistas sociais elementares. Mas, por exemplo, no momento em que um grupo de acampados do Movimento dos Sem-Terra foi criando um estilo de convivência em Ronda Alta, Rio Grande do Sul, a ética que passou a experimentar não parecia fundada nos moldes da produtividade capitalista, nos programas ideológicos e nem apenas nos valores do mundo da pequena propriedade tradicional de origem. Uma nova relação com o trabalho foi aflorando quase intuitivamente, a partir de um instinto criativo e de uma espiritualidade religiosa.

Uma ética do prazer, da gratuidade, da celebração e da fantasia. Aqui também os jovens e os movimentos sociais estão experimentando em muitas direções. Num primeiro tempo, surge a rebelião ao imposto, às regras estabelecidas, a um sentido do dever internalizado, com seu sentimento de culpa correspondente etc. Mas, aos poucos, da rebeldia se passa a hábitos vividos menos por reação e mais por gosto. É verdade que toda cultura sempre teve seus espaços celebrativos e de festa, alternando-se ritualmente com outros momentos. Talvez uma das novidades seja uma maior flexibilidade em passar de uma esfera de vida a outra. E, vemos também, a recuperação de certos ritmos de vida e de emprego do tempo que a modernidade criticou com rigor, assim como a experimentação de uma ética do prazer, que pode pender para um certo hedonismo, mas que é também busca de uma felicidade mais espontânea e natural.

O mundo encantado e seus valores. A modernidade teve a pretensão de desencantar o mundo (Weber). Atualmente, não assistimos a um reencantamento ou a uma volta do sagrado, mas à consciência de que o mundo nunca perdeu o encantamento, apesar dos processos de secularização. Em outro texto tratei deste tema do sagrado.¹² Aqui apenas assinalaria que, a presença forte e significativa do sagrado em geral e do religioso em particular, tem enorme impacto nas transformações na esfera dos valores e contribui para o fortalecimento de uma certa relação com a realidade, que não se quer reduzida às regras severas da razão. Há uma revalorização dos ritos, das celebrações religiosas (que na tradição de muitas religiões se chamam trabalho, numa translação semântica altamente significativa), das peregrinações e dos lugares com alta densidade espiritual. Isto que sempre foi tradicional, apenas é encarado novamente com maior naturalidade, depois de um breve período que parecia relegá-lo ao mundo do atraso e das superstições pré-científicas.

12. L.A.G. de Souza, "Secularização em declínio e potencialidade transformadora do sagrado. Religião e movimentos sociais na emergência do homem planetário", *Síntese Nova Fase*, nº 37, Maio — Agosto de 1986.

Aliás, é interessante notar o rápido desgaste da dicotomia mundo do atraso/mundo moderno e, com ele, a diferente conotação da própria palavra tradicional. Em vez de referir-se a uma situação superada, recupera outro sentido, para designar também uma antiga sabedoria revalorizada. Assim, por exemplo, a medicina tradicional das ervas e da mezinhas, não é sentida como terapia ingênua e grosseira, mas como uma prática a ser analisada com cuidado, diante de uma alopatia relativamente recente e que, ao lado de seus logros, vai mostrando também suas limitações.

Esses vários elementos vão configurando mudanças nos estilos das práticas sociais. Já foi indicado anteriormente como o comportamento do ativista político, o militante, vai sofrendo transformações. Os elementos da subjetividade e da vida afetiva recuperam direitos, e fazem exigências que podiam ser consideradas em certos meios como temas pequeno-burgueses a serem exorcizados. Ética do compromisso (o "engagement" do existencialismo francês virou o neologismo engajamento) se cruza com a crítica à repressão na esfera psicológica e afetiva. Não por acaso, Marcuse adquiriu prestígio em 68, tentando criar a ponte entre eros e civilização, nas pistas abertas por Marx e por Freud, aparentemente difíceis de compatibilizar.

Como estamos tratando de indicar os elementos emergentes, não nos referimos até aqui àqueles ligados à ação política dirigida às transformações sociais e políticas. Com isso não se quer insinuar, nem seu desaparecimento, nem muito menos diminuir sua relevância. Apenas se assinala sua interligação com outros fatores que, se estiverem presentes como exigências humanas, nem sempre foram aceitos como necessidades básicas ou direitos fundamentais.

Vários deles não são de nenhuma maneira inéditos e apenas voltam em outras configurações de pautas de comportamento. Aliás, a capacidade de inovar, se é permanente na história, é menos original do que se pensa. Mas os mesmos fatores nunca retornam iguais e sempre deixam descobrir perspectivas inesperadas.

E aqui estamos diante dos espaços abertos da criação histórica, das práticas renovadas e das exigências éticas em desenvolvimento. No caso latino-americano, uma realidade contraditória, com tempos históricos que se entrecruzam e "entretiveram", é um desafio para estarmos atentos à simultaneidade das mais diversas situações. Os economistas da região cunharam a noção heterogeneidade estrutural, para indicar esses cruzamentos em que tradicional e moderno, utilizando a grosseira di-

cotomia da sociologia da modernização, são igualmente atuais e em que diferentes coetaneidades, na distinção de Ortega y Gasset, convivem na mesma contemporaneidade. A própria realidade se encarrega de desmentir qualquer tentativa de analisar linearmente os processos históricos em nossos países. Isso faz também perigosas as generalizações indevidas, mas permite assinalar tendências e direções alternativas. Os movimentos sociais, por estarem colados ao cotidiano e a reivindicações concretas, se prestam mais às experiências que os partidos políticos, prisioneiros de seus programas e projetos globais. Por eles se pode estar tratando de encaminhar a história de nossas sociedades para um desejável que se vai fazendo possível, à medida que se vão afirmando práticas sociais, que criam as condições objetivas e subjetivas para a eclosão fecunda das inovações criadoras.

SÍNTESE NOVA FASE
48(1990): 73-84

Endereço do autor:

R. Bambina, 115

22251 — Rio de Janeiro — RJ